

# PARODIA

## COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quartas-feiras

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS  
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$000 rs.	Brazil, anno 52 numeros..... 2\$500 rs
Semestre, 26 numeros..... 500 rs.	Africa e India Portuguesa, anno 1\$000 rs.
Cobrança pelo correio..... 5100 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 1\$500 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOZIÇÃO

Minerva Peninsular

111, Rua do Norte, 113

IMPRESSÃO

Lythographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 33

### O COVEIRO



Não estejas a quebrar a cabeça. Um burro, quando é ronceiro, não muda de passo por mais que lhe batam. Se alguém te perguntar quem faz construcções mais solidas do que o pedreiro, o carpinteiro e o calafate, responde logo: é o coveiro. As casas que elle faz duram até ao dia de juizo.

Hamlet — Scena 1, acto V Trad. — José Antonio de Freitas.



## AS FESTAS

Lisboa prepara-se para estar em plena festa, o que tanto mais facilmente se explica quanto a melancolia das coisas e um certo numero de posturas prohibitivas tornaram de ha muito ausentes d'esta magnifica cidade todo o aspecto e todo o ruido festivos.

As procissões, que outr'ora foram outras tantas festas, tornaram-se raras e perderam esplendor. O culto abandona definitivamente a rua, de que fez o luzimento e a multidão, de que fez o regosijo.

A diversão essencialmente popular das feiras, acabou. A feira das Amoreiras, que os contemporaneos da Amelia Pincha ainda rememoram com saudade e gula, era uma verdadeira *hermesse*. Definhou. Finalmente saiu dos costumes. A feira de Belem, depois que Affonso d'Albuquerque se apossou dos terrenos do Tejo, fronteiros ao palacio real, entrou em via de fallencia. A sociedade aristocratisou-se. Hoje, a feira é do Quarto Estado.

Em outras eras, o logar de reunião, de poeira e de vento que foi o Passeio Publico, em cujo apagado recinto pompeia agora a Avenida da Liberdade, constituia uma diversão methodica, acompanhada de luz e ruido—inseparaveis elementos de todo o prazer colectivo.

Lisboa encontrava ali, com regularidade aos domingos e quintas, musica de banda e gaz de iluminação, que ainda então illuminava.

Por outro lado, a rua emmudeceu.

As ruas de Lisboa, antigamente, eram musicaes. Um côro alegre enchia o ar. Vendia-se a agua, vendia-se o azeite, vendia-se o peixe, a fructa, o pão, o mexilhão, o tremçoço, pela chromatica, cantando. O pregão tornava Lisboa uma das cidades mais ruidosas, embora das menos populosas da Europa. Despertava-se de manhã ao ruido de mil gritos angustiosos. Corria-se inquieto á janella. Eram mulheres da hortaliça e vendedores d'agua apregoando ao dessio.

Subito, rompia uma cavatina do *Trovador*, ou da *Traviata*. Era o realejo.

Verdadeiramente, os realejos infestavam a cidade. Não importa! Era muitas vezes grato, do leito, ouvir a voz de Violeta, exhalar a tremer o *Adio del passato*.

Os violinistas cegos também campeavam, mas a nota verdadeiramente vibrante da alegria das ruas era o *solo de cornetim*, que não sabemos porque predestinação da natureza, ou que disposição das coisas, era quasi sempre tocado por uma mulher, moça e algumas vezes formosa.

O Romantismo emmagrecia, creava olheiras, deixava crescer as unhas e o cabelo. Lia-se Walter Scott. A poesia lyrica devastava os lares. Apareceu nas ruas um trovador. Foi o Gaspar, mais commummente conhecido pelo *Gaspar da Viola*, por se fazer acompanhar de um violão. O *Gaspar da Viola* era um tenor velho e lanzudo, munido de uma gafarina grisalha e accommettido de uma irreparavel rouquidão, que cantava de sol a sol por todas as ruas de Lisboa.

Nas janellas cantavam os canarios e os grillos. Os pianos tocavam todos a um tempo a mesma *Prece de uma virgem*.



A vida emfim era monotona, mas harmoniosa.

Sobreveio, porém, a Disciplina.

O regimen da Disciplina veio oppôr-se ao regimen da Brandura.

A liberdade em Portugal campeava, como antigamente se dizia infrene. Havia uma illimitada liberdade em todos os ramos da actividade nacional. Tudo se fazia sem estorvo: os jornaes, os poemas lyricos, as revistas d'anno, as gazetas de caricaturas, o mesmo amor, que se praticava a escancarar, da janella abaixo.

Não havia regulamentos. O unico que ainda estava em vigor era a Carta Constitucional, que fazia ao mesmo tempo as vezes de uma constituição do Estado e de uma postura municipal.

Achavam-se as coisas n'este pé, quando a Disciplina teve o seu advento, e meia duzia, uma duzia de reformadores ferozes pozeram um travão na liberdade.

A Carta Constitucional foi considerada insufficiente, desmazelada, fracalhana e papa-assorda. Immediatamente fizeram-se-lhe erratas, codicillos, *post-scripta*, para pensar, para escrever, para desenhar, para falar, para apregoar, finalmente para cuspir.

Todas os pregões acabaram, assim os da Idéa, como os do azeite doce.

Parece que se falava alto de mais: diante de todos os factos estendeu-se um tapete molle de casca de sobro.

Os menores ruidos, apresentaram-se subversivos. Um vendedor apregoando o 1315 depois das dez horas da noite, alarmou como um mau symptomata e foi mandado calar.



Assim foram successivamente emmudecendo as bandas de musica, os realejos, as pretas do mexilhão, as mulheres da hortaliça e os aguadeiros, do mesmo passo que gradualmente extinguiam as suas ardentes vozes d'outr'ora o livro, a brochura, o jornal, a tribuna.

Assim á monotonia das coisas veio juntar-se a monotonia do proprio ambiente, que deixou de vibrar, pareceu por um momento, como tudo, emmudecer também.

As festas despertaram d'este modo na alma da multidão, não diremos já o sentimento da patria, mas bem legitimamente o deprimido sentimento da liberdade.

Ha muitos annos a esta parte, são estes os primeiros foguetes que ouvimos estalar, em liberdade, sem licença do Governo Civil.

JOÃO RIMANSO.





Vi-as na quinta feira, pela primeira vez este anno — as andorinhas.

A chuva açoutava as vidraças com uma presistencia monotona; a calçada estava humedecida e luzunte, o dia triste, funebre, hypocondriaco.

Por dentro dos vidros da janella do meu quarto olhava os raros transeuntes, molhados, que se esgueiravam ao longo dos passeios, ligeiros e friorentos.

Tomara-me aquelle secreto bem estar que dá a sensação de uma atmosphera tepida, acariciando-nos o corpo na antithese d'um meio frio que se adivinha e de que nos separa uma vidraça — apenas.

Vencera-me aquella vaga concentração de espirito, que produz no nosso organismo a visão continua e monotona, de um mesmo phenomeno, que se reproduz por tempo, ao contemplar os pingos de agua que ressaltavam nas lagueas dos passeios, batidos pelo sudoeste.

Havia em mim aquella doce tristeza d'esse pensar vago e manso, que se liga aos pequeninos phenomenos que nos cercam, um pensar de creança ante vulgaridades comestivas, como que um deslizar descansado por impressões primitivas.

Subitamente, no vidro por onde olhava, ouviu-se um estalito secco e um vulto passou rapido ante o meu olhar distraído, atravessando a chuva.

Fôra uma andorinha que passára e percutira com a ponta da sza, curva como uma *cuchilla* hespanhola, o quadrado transparente da vidraça.

Lembrou-me que a primavera tinha chegado; que iam abrir-se aos beijos d'um sol meigo as dalias e os lilazes, que iam povoar-se de *menages* aereos, os galhos florescentes dos robles, que a velha phenix — a natureza — ia renascer das proprias cinzas, alimentada pelos despojos da ultima lucta.

Lembraram-me os ribeiros mansos, rusticos cantadores de barbaras e singelas trovas, os lagos azues onde os beijos dos noivos se repercutem em echos desconhecidos, a luz da lua de

filtros voluptuosos, a voz do rouxinol de extacticos requebros.

Espraiei-me na enorme epopeia do amor que vae da cryptogamica á palmeira, do microzoario ao masthodonte.

N'este momento a chuva acalmou e o ceu, rasgando de chofre as nuvens pardacentas, inundou a rua com um feixe enorme de raios brancos, como a pelle dos arminhos.

Tive então a necessidade da voluptuosa aspiração d'aquelle ar fresco e limpido que inunda a terra, quando nas manhãs brumosas o tufão varre os ares e a chuva arrasta para o solo as poeiras suspensas.

E veio a lembrança da aldeia, com o seu adro alegre. A igreja no topo; o salgueiral da encosta a vestir-se, a enfolhar-se com ramilhetes tenros de folhitas d'um verde crú, e ao sopé dos troncos o bando das andorinhas, rasteiras, em vôos de flecha, a debicar o barro amolecido, para construção dos ninhos nos beirões das adegas, nos arcos das janellas do abbade, nos frizos salientes da torre.

Como ellas alegravam o largo do presbyterio com os seus trillos rapidos, no vôo flexuoso da caça, como as respeitavamos todos e lhes queriamos como a visita de entes desejados, que voltassem de longa viagem, de terras distantes.

E o dia da partida... o ceu a enovar-se e ellas a encastellar, a encastellar pelos ares fóra.

Vem mau tempo. Aos centos a aconchegarem-se pelos beirões, nos pincaros da torre, nas ruinas do castello velho; bandos que chegam ao anoitecer... e no outro dia, as ruas desertas, o ar sem ruidos, os ninhos frios.

Foram-se, por sobre as aguas do mar. Voltarão na primavera. Alegres, vivas, novamente amadas, cheias de graça, amantes, ternas e fieis.

Assim voltassem as creanças da primavera da vida, esses alados sonhos, que a gente sente irem-nos fugindo do coração, sem percebermos se voam para os cimos do azul, se sobre as aguas do mar.

### A rã e o boi

La Fontaine, que estás no eterno abysmo,  
Por artes do famoso espiritismo  
Dize se a minha já ronqueira cabula  
Te escangalhou a tua insigne fabula.



Certa rã viu um boi  
Que puxava a uma nora n'uma horta.  
(Não sei onde isto foi,  
Mas isso, para o caso, pouco importa).

Viu a rã que o formoso ruminante  
Não comia refugo,  
Porque era além de bicho mui possante,  
Gordo como um texugo.



E a rã, no seu tamanho a um ovo igual,  
Mette-se-lhe em cabeça  
Egual a grossura do animal,  
Que trabalha sem pressa.

Entra a encher-se de vento  
E diz para a senhora sua irmã:  
«Ora repara lá com olho attento...  
Pareço boi ou rã?»



A mana, que não era qualquer lêsmã,  
Pois tinha miroleira,  
Diz-lhe assim: «Foi perdida essa canceira  
Olha que estás na mesma!»

Mais vento toma a tola,  
Chega a inchar-se em espantoso excesso;  
E diz para a irmã, que tinha bola:  
«E agora o que pareço?»

«—A mesma sempre estás,  
A rã mette mais vento na barriga;  
E tanto inchando vae e tanto faz,  
Que rebenta a bexiga!»

Quem tem do lynce a prenda  
Acha muitos politicos eguaes:  
Davam bellos caixeiros para tenda,  
E querem ser... Pombaes!





Alguns aspectos da Comedia Portugueza  
 ATRAVEZ DO DRAMA INGLEZ



HAMLET



OTHELO OU O MOURO DE VIDRGO

Othelo — Fica-te assim quando eu te mate (a Divida), que mesmo morta te hei de amar.



SHAKESPEARE



FALSTAFF

Falstaff — Subtil... subtil... subtil...  
 Gentil... gentil... gentil...



MERCADOR DE VENEZA

Shilock — Uma libra de carne!

Ser, ou não ser... governo. Eis a questão!



ROMEO E JULIETTA

Romeu — A Aurora com os seus dedos  
 côr de rosa já assoma ás portas do Oriente.  
 Julietta — Não é a Aurora, filho! E' apenas a gravata encarnada da Colligação.



CAPULETOS E MONTECHIOS



REI LEAR

Rei Lear — Abandonado de suas filhas.  
 Traz sempre uma tempestade ás costas.

RAPHAEL BORN ALLO PINHEIRO



### Conferencias nos Martyres

Ha uns dois annos, uma senhora das minhas relações falou-me — com entusiasmo — de umas conferencias religiosas, que se estavam fazendo no Quellas. O prégador era novo, interessante, ao que parecia.

Os assumptos de primeira ordem, em graça, e pittorescos.

Na ultima conferencia, dissera-me a illustre dama ou na que se seguia, o padre falou ou falaria sobre os espartilhos.

Fosse como fosse, resolvi não perder a prêdica hygienica e n'esse domingo eu e o meu amigo G. dirigimo-nos á egreja.

A' entrada do catavento, um homem gordo, de cara rapada, luncta entre o pollegar e index da mão esquerda, feto preto cheio de nodoas, seboso todo elle, poz-se em frente da porta lateral do atrio.



— Vossas excellencias onde querem ir?

— Entrar na egreja, como vê.

— Não podem entrar.

— Porque?

— A conferencia d'hoje é só para senhoras!

Pasmámos. Todavia ousei perguntar: — e ha senhoras, lá dentro?

— Muitas, respondeu o porcalhão, com um riso satisfeito.

E' pasmoso, replicou o meu amigo G., e voltando-se para o homem, com modo brusco, perguntou-lhe:

— Então nós não podemos ouvir?

O homem curvou-se ao de leve, meneando negativamente a cabeça.

— E ha maridos que deixam cá vir as mulheres?

O sebento embuchou n'um riso parvo.

Saimos. Pararam trens de luxo. Damas de roçagantes sedas entravam.

\* \* \*

Vejo que se repete a scena.

Annunciam os jornaes que na egreja dos Martyres se realisam tambem conferencias só para homens.

Conheciamos a leitura *só para homens*; os gabinetes das feiras *só para homens*. A leitura já se sabe que é da primeira frescura de narração e as gravuras do melhor ensino para a realisação dos quadros plasticos—no aproveitamento do nú.

Quanto as exposições dos gabinetes todos sabem que se vedam ás damas, pela absoluta ausencia de folhas de figueira.

Nas nações civilisadas, essas leituras são apreghendidas e os seus auctores processados; os gabinetes são fechados pela policia.

A pornographia é perseguida quer na fórma da palavra, quer da escripta, quer n'outra qualquer, litteraria ou artistica.

Em Lisboa, mesmo, a policia não toleraria aberto o theatro que annunciasse:—espectaculo só para homens ou só para senhoras.

Faria muito bem; mas como tolera, então, conferencias, n'uma egreja!—que tem, como sub titulo—a prevenção acima?

\* \* \*

Desde menino, educado no seio da religião catholica, tendo tido o prazer de viver tres annos no meio dos seus levitas, lendo, ouvindo-os, nunca dei porque na dita religião houvesse coisa que só os homens podessem ouvir ou que só podessem ser ditas a mulheres.

Imaginava ainda que a palavra de Christo e a sua religião podia ser prêgada em toda a sua simples grandeza, em todos os auditorios os mais misturados, apenas admitindo para evitar distracções aquella recommendação do prior de Pontével que costumava sempre, ao começar o sermão, dizer, com um gesto largo, aos fieis: vá—saias p'ra cima e calças p'ra baixo!

Assim separava os namoros e as conversas.

A religião, porém, parece ter sofrido grandes aperfeiçoamentos no modo de ser e na technica.

Descobriram-lhe orgãos novos que é preciso esconder, já ás damas, já aos cavalheiros. Prêga-se particularmente; medicação cautelosa e discreta, feita na especialidade, com taboleta, á laia de annuncio e consultorio clinico:—doenças *moraes das senhoras*.

Ha padres para machos e padres para fêmeas.

Escolhem-se. Os mais bonitos, mais doces, mais contemplativos, para as damas: os mais rudes para cavalheiros.

O sermão passou a ser conferencia; a religiosidade um sport.

Ha um *record* do Ceu, no automovel da vida e o padre não é já um apóstolo é um—*chaffeur*.

A biblia desdobrou-se. De um lado é um livro de contos para creanças; do outro a reedição das *Femmes Galantes* de Brantôme.

Do lado primeiro para damas, do segundo para o sexo forte. Livro de que se não pode dizer o que do de Bernardim dizia aquelle velho Telmo, de Garrett—«livro para damas e para cavalheiros».

E lembrando agora o frei Luiz de Sousa, vem á memoria aquella imprecação da pobre Maria:—que religião é esta que separa os paes de suas filhas?

Semilhantermente, pode perguntar-se:—que religião é esta que separa as calças de cazemira das calças de renda?—que religião é esta que separa os paes dos filhos, das mulheres, das irmãs?

Não percebo. A policia que vá vê! é a quem compete vigiar os comícios, as casas de negocio e as de tavolagens!

### Notas de decadencia

Transcrevemos:

«Já se não encontra na Terra nem uma polegada de Verdade—a verdade forte e difficil que outr'ora os alchimistas pescavam nas retortas, os astrologos nos espaços, os apóstolos nas consciencias, as virgens no pudôr...»

Não lá esta... francamente... não se comprehende.

Uma virgem a pescar a Verdade no pudôr!... é pesca de completa novidade.

Pescar um casamento, um *pato*, um arranjo, tem-se visto: olhos baixos, rubôr na face... certo acanhamento... é truque conhecido, e que tem produzido effeito; mas pescar a Verdade no pudôr, lá nos parece coisa equivalente a guiar aerostatos submarinos.

Onde ficará o poço do Pudôr, em que as Virgens pescam a Verdade?

As virgens que respondam, que o padre Manso não indica o sitio.

Manso? olha se é bravo!  
Safa.

### O Espiritismo

O Espiritismo, não, não deu ás trancas Para o paiz das fadas e chimeras; Resurge do pavor de antigas eras, Obrigando a falar mezas e bancas!...

Mediuns de serumbaticas carrancas Em logar de comerem duas peras, Espalham *alta sciencia* nas espheras Com que fazem tremer pretas e brancas!...

Um disse-me falára com Elmano, E lhe pediu uns versos para a Andreza, Professora em tocatas de piano!...

Mostrou-m'os junto á porta da Havaneza; Mas conheci (terrivel desengano!) Que eram feitos p'lo Rei da Madureza.



**OUTRA NA FERRADURA**

A *Parodia* tem soffrido tratos de poé no Supremo Tribunal de Justiça.

Finalmente, eis o que acaba de lhe succeder : aquelle venerando tribunal, como já lhe chama a *Tarde*, impandou de regosijo governamental, annullou o accordão da Relação, tão de accordo com a sentença do sr. juiz Pina Calado e com as indicações da sabia tolerancia dos nossos tempos e dos nossos costumes.

Que dirão agora — escreve a *Tarde* — os jornaes que tanto elogiaram o sr. Pina Calado, juiz do terceiro districto ?

Ora que não de dizer !

Hão de dizer, continuar a dizer que o sr. Callado falou e falou muitissimo bem.

Depois, porque motivo terão os juizes do Supremo Tribunal de Justiça mais pezo do que os do Tribunal da Relação, ou mesmo os de um juiz integro, ou mesmo as de uma opinião que ainda não renunciou completamente aos seus fóros ?

Diríamos que o Supremo Tribunal de Justiça é a suprema razão.

Ah ! mas nós comprehendemos ! A suprema razão é a Razão do Estado — essa mumia.

Como mumia ella está perfeitamente entregue ao Supremo Tribunal, o qual, por seu turno, já é um sarcophago.

Telegramma de Paris :

«Communicam de Berlim que a princeza Luiza de Saxe, irritada com a proclamação feita ultimamente pelo rei, resolveu publicar um manifesto intitulado—*Porque parti.*»

Uma princeza dada ao manifesto é grave. Uma princeza dada a manifestos—gravissimo.

A situação da princeza complica-se. Sendo ella de Saxe, affigura-se-nos porém que o seu manifesto não devia chamar-se—*Porque parti*, mas—*Porque me parti.*



Afinal, foi expungida do cortejo a rua do Arsenal.

Triumphou a Moral e triumphou a rua Augusta.

Depois conciliaram-se interesses : os do *London and Brazilian Bank* e os da *Colonial Oil Company*, que a imprensa immediatamente lembrou com sollicitude. Não esqueçamos—disse ella, com atilado zelo—que tanto um como outro são dois estabelecimentos inglezes...

Assim ficou liquidado o assumpto, com regosijo para os interesses da Moral e do Petroleo.

Escreve um jornal :

«O nosso amigo Jayme Arthur da Costa Pinto é a alma da festa nocturna.»

Alma nocturna ?

Alma penada.



Informa o *Dia* :

«Foi auctorisado o commandante do cruzador *Adamastor* a largar da boia, para experiencia da machina.»

Todos os jornaes tem apresentado os seus alvires e contribuições para o programma das festas ao rei de Inglaterra.

Por nosso turno, visto vir a pello o *Adamastor*, occorre-nos lembrar que este barco, tendo sido feito por subscrição, seja posto á disposição dos subscriptores, afim de que estes possam gosar as festas n'um logar que legitimamente ganharam.

Deus fez o mundo e descansou. E' justo que nós, tendo feito o *Adamastor*, o disfructemos.

Moralidade e economias :

«Com o facalhão da insensatez— escreve um orgão progressista—o sr. Teixeira de Sousa foi á camara dos pares, e sem a mais leve attenção com o venerando presidente...—deu-lhe uma facada ?

Quasi.

«... cortou seis contos de réis no orçamento de despeza d'aquella casa.»

Isto antigamente fazia se por economia.



Hoje faz-se por malvadez—e com um facalhão.

O FERRADOR.

Uma contrariedade



—Então sempre te casas para a semana ?

—Ai filha, não ! Vem ahi os inglezes...



O HOMEM DO DIA...

DA NOITE



RAPHAEL BORDABERRY

JAYME  
●●●●●

JAYME  
●●●●●

ARTHUR  
●●●●●

DA  
●●

COSTA  
●●●●●

PINTO  
●●●●●

PINTO  
●●●●●